

Música, memória e mestiçagem em quatro tempos

Mônica Rebecca Ferrari Nunes

VALENTE, H.; SANTHIAGO, R. (Org.), (2011).

O Brasil dos Gilbertos: notas sobre o pensamento (musical) brasileiro
São Paulo: Letra e Voz, 164 p.



Resumo: A coletânea *O Brasil dos Gilbertos: notas sobre o pensamento (musical) brasileiro* reúne oito autores, originários de áreas diversas como literatura, comunicação, ciências sociais, música e história, para realizarem as conexões musicais e culturais em torno dos nomes de Gilberto Freyre, Gilberto Gil, Gilberto Mendes e João Gilberto. O volume divide-se em três partes: *Tranças em torno de um nome; Autores e seus traços; e Além dos Nomes.*

Palavras-chave: cultura; música; Brasil

Abstract: **Music, memory and crossbreeding in four tempos** - The collection *O Brasil dos Gilbertos: notas sobre o pensamento (musical) brasileiro* (*Gilbertos' Brazil: notes on the Brazilian (musical) thinking*) gathers eight authors from several different areas such as literature, communication, social sciences, music and history for accomplishing musical connections around the names of Gilberto Freyre, Gilberto Gil, Gilberto Mendes and João Gilberto. The book is divided in three parts: *Breeds around a name; Authors and their traces; and Beyond names.*

Keywords: culture; music; Brazil

Organizado por Heloísa de Araújo Duarte Valente, doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e por Ricardo Santhiago, mestre em História Social (FFLCH-USP), *O Brasil dos Gilbertos: notas sobre o pensamento (musical) brasileiro* nasceu de um ciclo

de debates, realizado em 2008, durante o 4º Encontro de Música e Mídia. O evento foi promovido pelo Centro de Estudos em Música e Mídia (MusiMid), grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Comunicações e Artes da USP e coordenado por Valente e Santhiago.

A proposta de relacionar teoricamente Gilberto Freyre, João Gilberto, Gilberto Gil e Gilberto Mendes, levada a cabo pelos organizadores e seus convidados, cria liames sutis que põem em diálogo textos de cultura diversos – a música e um país, para além de suas fronteiras geográficas, atravessado por imaginários construídos, de algum modo, pela linguagem musical. Quase sempre, a música responde à geração de signos de brasilidade, de representações identitárias ligadas à nação, a exemplo do samba ou mesmo da bossa nova. Mas, como adverte Heloísa Valente: “não ocorre, de modo algum, uma *natural* relação direta que estabeleça automaticamente laços de identificação entre produtores musicais [...] e a representação convencionalmente estabelecida” (p.16). As conexões entre os Gilbertos, articuladas nesse volume, evidenciam com clareza os constructos simbólicos e ideológicos tecidos na interface música/Brasil.

Os oito pesquisadores envolvidos na escuta dessa paisagem sonora operam saberes distintos; contudo, os escritos podem ser agrupados não só pela **ordenação inicialmente proposta**: *Tranças em torno de um nome*; *Autores e seus traços* e *Além dos nomes*. Afirmaríamos que a reverberação entre os textos provoca diferentes modos de leitura. Em consequência, memória e mestiçagem surgem como veredas para pensar a totalidade da obra.

Alguns artigos se unem na chave da memória afetiva: Jerusa Pires Ferreira, em *A viagem de Ulisses*, compartilha com o leitor as histórias de seu tio Gilberto: dândi, vanguarda no sertão do começo do século XX. Conexão rápida com os outros Gilbertos que, para a autora, têm em comum a ação de vanguarda urdida em uma grande cena desdobrada em múltiplas idades e momentos: Gilberto Freyre e seu texto-escritura, Gilberto Gil em si mesmo uma antena parabólica, Gilberto Mendes e sua *performance*, João Gilberto e a ideia do artífice.

De igual maneira, o compositor Paulo Chagas, em *Gilberto e Willy: ética e estética* aproxima-se de Gilberto Mendes e de Willy Corrêa de Oliveira pelo viés da memória afetiva, graças à intimidade que o próprio autor tem com os dois compositores. Gilberto e Willy participaram, em 1963, do Manifesto Música Nova. O documento considerava positivamente os meios de comunicação e a sociedade de consumo pós-industrial, tratando as informações produzidas pela mídia e articuladas ao consumo como novas possibilidades para a criação musical. Todavia, em face das mudanças provocadas por este cenário, tanto para a arte quanto para o artista, os dois compositores analisados desenvolveram, ao longo de suas trajetórias, atitudes éticas e estéticas diferentes.

A afetação do mundo, que nos leva à ação, se pensarmos em Espinosa, e a dimensão estética da vida poderiam ser outra clave. É o que se percebe no texto de Simone Luci Pereira, *Entre refazendas, refavelas e refestanças: aspectos da trajetória musical de Gilberto Gil*. A autora constrói uma biografia musical, verificando as transformações estéticas

no percurso do compositor baiano associadas à sua vivência política, destacando o papel da tropicália como um acontecimento musical/cultural mestiço, de trocas culturais ao alcance de toda a obra de Gil.

Outra forma possível para escutar/ler *O Brasil dos Gilbertos* é compreender o pensamento musical brasileiro como mestiço. De tal sorte, José Wisnik, em *Considerações sobre os quatro Gilbertos: uma proposta aparentemente despropositada* reconhece, além do teórico da mestiçagem Gilberto Freyre, a fusão da música erudita e do jazz no samba de João Gilberto, a multiplicidade de códigos musicais e comportamentais envolvidos no tropicalismo, a mobilidade de Gilberto Mendes. Além disso, conceitua, para o leitor, os paradigmas da sociologia brasileira.

As tensões estabelecidas entre nacionalismo conservador e modernismo de ruptura, a identidade étnica fundamentada na miscigenação e a constatação de que a canção popular expressa o conflito entre antigo e novo, nacional e internacional são as inquietações presentes em *As identidades Gilberto e a Identidade Nacional*, de Paulo de Tarso Salles – dispostas aqui em consonância ao pensamento musical mestiço.

José Geraldo Vinci de Moraes, em *Gilberto Freyre, ‘Sobrados e Mucambos’ e a música brasileira*, escreve o único artigo da coletânea que sublinha o aspecto musical da obra de Freyre, produzindo uma nova perspectiva de análise ao apresentar as redes de sociabilidade e os aspectos sonoros do Brasil do século XIX. Com este repertório, o autor cartografa as mudanças sociais e ideológicas do período.

Os feitos dos Gilbertos mobilizam considerações sobre as interfaces arte-consumo, a exemplo de *João Gilberto, a cordialidade e a melancolia da bossa nova (ou: um baiano de juazeiro na zona sul carioca, entre “chega de saudade” e “por que tudo é tão triste?”)*, de Walter Garcia e, do mesmo modo, em *Apocalípticos e Desintegrados*, de Rodolfo Coelho de Souza. O artigo de Garcia avalia a bossa nova como trilha sonora de anúncios publicitários e de cenas televisivas e cinematográficas; retrata, na obra de João Gilberto, os cruzamentos de uma canção realizada no entroncamento do comércio e da arte. Já Rodolfo Coelho pondera sobre as alterações na produção e na distribuição musical brasileira que alimenta a recepção das obras. O pesquisador e compositor observa as reproduções digitais e as consequências para os modos de escuta, para a reconfiguração do objeto musical, para a erosão de certos gêneros e o renascimento de outros.

O Brasil dos Gilbertos exposto por meio destas análises verazes nos instiga. Amplifica o já conhecido, como o ideário sobre a mestiçagem, a bossa nova, o tropicalismo; por outro lado, minimiza clichês nacionais que recobrem estes mesmos paradigmas. Adiante, ilumina fenômenos musicais menos midiáticos, tal qual a música nova. O livro é harmônico, composto de textos densos borrando fronteiras disciplinares, os limites entre música e história, música e sociologia, música e cultura. Convida-nos a muitas leituras, que permitirão, em grande medida, decodificar memórias (sonoras) e traços da cultura brasileira nem sempre evidentes.

Mônica Rebecca Ferrari Nunes é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, da ESPM; é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, e autora, entre outros livros, de *Histórias Invisíveis*, com Marco Bin.

monicarfnunes@espm.br